

**A UNIDADE LÉXICA “FEMINISMO”:
O QUE DIZ O DICIONÁRIO AURÉLIO?**

Laiza Rodrigues Oliveira (UFT)

laiza.tavares3@gmail.com

Ana Cláudia Castiglioni (UFT)

anacastiglioni@hotmail.com

RESUMO

O artigo analisa as unidades léxicas *feminismo* e *feminista* no contexto de um texto jornalístico veiculado no portal de notícias O Globo – que evidencia diferentes posições ideológicas dos sujeitos – estabelecendo relação com o que se entende por feminismo na perspectiva das filósofas e escritoras contemporâneas Djamila Ribeiro e Chimamanda Ngozi Adichie, fazendo um contraponto com as definições atribuídas aos verbetes *feminismo* e *feminista*, encontrados na 2ª, 3ª e 4ª edição do Dicionário Aurélio. Dessa maneira, verificar se existe confirmação ou refutamento dos discursos encontrados na notícia e na fala das escritoras em relação ao que há no dicionário. O presente trabalho desenvolve-se seguindo os critérios da pesquisa bibliográfica segundo Tozoni-Reis (2009). A fundamentação teórica volta-se para os estudos do léxico de Biderman (1984), para a Lexicografia Discursiva de Nunes (2010) e para os estudos do discurso de Orlandi (2000).

Palavra-chave:

Dicionário. Feminismo. Léxico. Lexicografia Discursiva.

ABSTRACT

The article analyzes the feminist and feminist lexical units in the context of a journalistic text published in the O Globo news portal – which shows different ideological positions of the subjects – establishing a relationship with what is meant by feminism from the perspective of contemporary philosophers and writers Djamila Ribeiro e Chimamanda Ngozi Adichie, in contrast to the definitions given to feminism and feminist entries, found in the 2nd, 3rd and 4th edition of the Aurélio Dictionary. Thus, verify if there is confirmation or refutation of the discourses found in the news and in the writers' speech in relation to what is in the dictionary. The present work is developed following the criteria of bibliographic research according to Tozoni-Reis (2009). The theoretical foundation turns to the studies of Biderman's lexicon (1984), Nunes's Discursive Lexicography (2010) and Orlandi's discourse studies (2000).

Keywords:

Dictionary. Feminism. Lexicon. Discursive Lexicography.

1. Introdução

Os dicionários mais populares são os de padrão da língua e mono-

línguas. Os monolíngues são categorizados conforme o público que irá consultar o material como, o dicionário infantil, dicionário escolar, dicionário padrão da língua, cuja diferença está na quantidade de verbetes que cada um possui. A lexicógrafa e dicionarista brasileira Maria Tereza Camargo Biderman, em um dos seus estudos, faz declarações sobre como é constituído o dicionário e arremata com uma constatação, como mostra o seguinte fragmento.

O dicionário é um instrumento cultural que remete tanto à língua como à cultura. O lexicógrafo descreve ambas — língua e cultura — como um todo pancrônico, embora se situe numa perspectiva sincrônica. Um dicionário é constituído de entradas léxicas que ora se reportam a um termo da língua, ora a um elemento da cultura. A entrada tem como seu eixo básico a definição da palavra em epígrafe. Essa definição nada mais é que uma perífrase metalingüística da palavra posta como entrada. Essa é a pedra de toque da tarefa lexicográfica, nem sempre executada adequadamente. Nas culturas ocidentais os dicionários têm-se copiado uns aos outros perpetuando erros e inadequações. (BIDERMAN, 1984, p. 28)

No trecho, a autora afirma que “o dicionário é um instrumento cultural”, isto é, quando o lexicógrafo desenvolve seu trabalho na descrição da língua e da cultura que abrange aspectos da evolução histórica da língua, bem como o estágio que a língua se encontra no momento, ela revela enunciados culturais, visões de mundo, que os sujeitos histórico-sociais estabeleceram numa conjuntura.

No fragmento, Biderman acrescenta a estrutura do dicionário, que possui uma entrada – verbete – que tem sua definição/significado no formato de epígrafe, que é uma espécie de “minicituação”. E o conceito do verbete é a descrição de como uma determinada sociedade o (re)conhece no mundo, e tal descrição é realizada por meio da metalingüística, em outras palavras, no dicionário utiliza-se da linguagem para explicar a própria linguagem.

Nesse contexto, a autora apresenta um problema relativo ao trabalho do lexicógrafo, pois como as definições são reflexos do “pensamento” e do que se entende sobre um determinado léxico na sociedade, e levando-se em consideração que a sociedade se modifica ao longo do tempo, as formas de pensar, de enxergar o universo transformam-se. É necessário que ao concretizar os discursos, as formas de dizer da sociedade, o lexicógrafo esteja atento às mudanças, para que seja “atualizada” a descrição da língua e cultura nos dicionários, uma vez que, conforme a autora, “nas culturas ocidentais os dicionários têm-se copiado uns aos outros perpetuando erros e inadequações” (BIDERMA, 1984, p. 28).

A abordagem teórica da Lexicografia Discursiva propõe que uma vez compreendido que o dicionário possui discursos, que são carregados de ideologias, significados e interpretações que refletem conceitos consolidados pela sociedade, compreende-se que não cabe um olhar ingênuo, pois são conceitos passíveis de dúvidas, já que sempre podem ser outro, podendo conter contradições entre diferentes posições de leitura.

Neste trabalho se considera o aspecto discursivo, exposto anteriormente, presente nos dicionários. O objetivo é analisar como são apresentadas as definições para as unidades léxicas *feminismo* e *feminista*, partindo dos conceitos atribuídos às palavras sob a ótica das filósofas e escritoras contemporâneas Djamilia Ribeiro e Chimamanda Ngozi Adichie, como também observar as definições dadas pelas edições de 1986, 1999 e 2009 do dicionário Aurélio. Dessa forma, estabelecer uma relação com os discursos veiculados no portal de notícias O Globo, cuja matéria está intitulada “Mulher de Moro faz jantar para o marido e posta: ‘Sorry feministas’” – que evidencia diferentes posições ideológicas dos sujeitos –, publicada em 25 de agosto de 2019. Assim, verificar se existe confirmação ou refutamento dos discursos encontrados na notícia e na fala das escritoras em relação ao que há no dicionário.

Para desenvolver esta pesquisa optamos pela pesquisa bibliográfica segundo Tozoni-Reis (2009), sendo uma escolha metodológica mais eficiente para atingir os objetivos traçados para esta pesquisa. Deste modo, a pesquisadora explica em seu trabalho sobre Metodologias da Pesquisa que a pesquisa bibliográfica “tem como principal característica o fato de que o campo onde será feita a coleta dos dados é a própria bibliografia sobre o tema ou o objeto que se pretende investigar (...) vamos buscar, nos autores e obras selecionados, os dados para a produção do conhecimento pretendido” (TOZONI-REIS, 2009, p. 25).

2. O dicionário e suas atribuições

O dicionário Aurélio exerce grande influência entre os brasileiros, assumindo um papel normativo, que poucos se atrevem a questionar, já que carrega o peso de estar “sempre certo”, pois os consulentes o utilizam como um material confiável de consulta e, restringindo-se a isso, impossibilita que haja um processo reflexivo sobre as significações apresentadas nas definições, uma vez que o dicionário, conforme a Lexicografia Discursiva, é um objeto simbólico e histórico.

O dicionário de tipo padrão tende a exercer um papel normativo dentro da comunidade dos falantes. Na sociedade brasileira contemporânea o *Aurélio* vem exercendo essa função há uma década. Se o leitor se reportar à crítica feita ao *Aurélio* no capítulo anterior, verá que o *Aurélio* assumiu o papel de *norma linguística* em virtude de não existir uma obra de mesmo tipo e melhor elaborada que concorresse com ele, uma vez que toda nação civilizada contemporânea carece desse instrumento cultural. [...] Note-se que o usuário atribui ao dicionário o conhecimento inequívoco da linguagem a fim de dirimir as suas dúvidas. Em outras culturas o papel exercido pelo *Aurélio* no Brasil, é preenchido pelo *Petit Robert* no caso do francês, pelo *Zingarelli*, caso do italiano, pelo *Webster, Longman, Concise Oxford*, caso do mundo de língua inglesa. (BIDERMAN, 1984, p. 28)

Biderman reitera que o dicionário é um instrumento cultural que a nação civilizada necessita, e que o *Aurélio* instaurou-se há várias décadas como norma linguística, por não haver material melhor elaborado que visse concorrer com ele, já que ele possui um pouco mais de cem mil verbetes e subverbetes. Isso não ocorre apenas no Brasil, a autora aponta outros materiais que exercem grande influência em suas respectivas culturas. Nota-se, então, que a crença no inequívoco do dicionário tem aberto portas para a perpetuação de ideologias controversas e por vezes preconceituosas e pejorativas.

É relevante salientar que o dicionário não deve ser restringido apenas a um olhar ligeiro ou trivial. Esse material pode ser objeto de várias análises com diversas possibilidades de discussões. Sobre a ótica da Lexicografia Discursiva o dicionário não contém apenas conceitos das palavras, mas possui discursos, ou seja, ao analisar os verbetes é possível averiguar os sentidos contidos e silenciados nele. Utilizar o material apenas em sua função, que é ensinar a composição correta das palavras e seus respectivos significados, faz com que o indivíduo não reflita e discuta sobre as definições dadas por ele.

Para contribuir com a Lexicografia Discursiva, a Análise do Discurso, que é uma ciência que atua no campo da comunicação e tem como objeto de estudo a linguagem, agrega no sentido de que são realizadas análises estruturais para que a partir da averiguação seja possível compreender as construções ideológicas presentes no objeto da análise. Conforme essa teoria, o discurso dos sujeitos em si são construções linguísticas que transparecem as ideologias dos indivíduos que desenvolvem o texto, ideologias estas que são diretamente afetadas pelo contexto político-social do mesmo.

Apoiado nessa ciência consegue-se realizar um estudo profundo das definições dadas por dicionários, já que será analisado o texto en-

quanto discurso ideológico, podendo assim, identificar os possíveis equívocos da língua e contradições históricas. Orlandi (2000, p. 98) apresenta que “o dicionário adquire aqui o sentido de uma tecnologia própria à configuração de relações sociais específicas e entre seus sujeitos, na história. Ele é, desse modo, constitutivo na formação social”.

Orlandi (2000, p. 111) em seu estudo sobre a Lexicografia Discursiva, no qual ela utilizou três dicionários de língua portuguesa – Aurélio, Michaelis e Laudelino – para analisar alguns verbetes buscando trazer reflexões sobre a censura. Acrescenta na conclusão do seu trabalho que “as palavras não são neutras, que a linguagem não é facilmente domesticável de que, além de não termos controle sobre os sentidos, eles nos afetam e se representam de muitas maneiras, sendo a dicionarização um lugar importante em que isso se dá”. Isto é, os sentidos dado aos verbetes nos dicionários vêm carregados de ideologias, acredita-se em uma suposta neutralidade, mas que se melhor averiguado nota-se que não há, pois as construções sociais sobre um determinado fenômeno no mundo concretizam-se no dicionário.

Corroborando com as pesquisas de Eni Orlandi, Nunes (2010, p. 325) também expõe que “considerando os desenvolvimentos do estudo discursivo dos dicionários, pode-se dizer que trabalhamos no sentido de ‘observar os modos de dizer de uma sociedade e os discursos em circulação em certas conjunturas históricas”. Nesse sentido, “a Lexicografia Discursiva concebe, portanto, o dicionário como objeto simbólico, histórico, não apenas como objeto normatizador ou de consulta” (NUNES, 2010, p. 325). Ou seja, para o lexicógrafo analisar o dicionário sob a ótica desse estudo é preciso levar em conta que o conceito dado aos verbetes no dicionário é uma representação concreta da língua, onde se pode encontrar indícios da maneira como a sociedade produz a linguagem.

3. Apresentação e análise dos dados

No dia 25 de agosto de 2019 uma matéria publicada pelo portal de notícias O Globo, intitulada “Mulher de Moro faz jantar para o marido e posta: ‘Sorry feministas’”, causou bastante alvoroço nas redes sociais. A notícia tratou de uma foto publicada em uma rede social pela advogada Rosângela Moro, esposa do atual Ministro da Justiça e Segurança Pública do Brasil, cuja foto apresentou uma mesa de jantar posta e uma legenda polêmica que dizia:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Mesa posta. Esperando o Ministro da Justiça chegar no Lar! Curitiba gelada e sopinha para aquecer o corpo. Sorry feministas. Mas AMO cuidar de quem eu Amo. Eu trabalho eu pago boletos eu dou emprego e eu motivo , mas amo Cuidar !! Bom final de semana! Beijo gelado de Curitiba. (O GLOBO, 2019)

A partir desse comentário, a esposa do deputado federal Marcelo Freixo, Antônia Pellegrino, demonstrando incômodo publicou uma foto, também de uma mesa de jantar posta, em tom de ironia em resposta à Rosângela Moro, que tinha a seguinte legenda:

Mesa posta. Esperando o mais gato deputado de Brasília pra jantar @marcelofreixo! Rio de Janeiro gelado e sopinha para aquecer o corpo. Sorry @RosângelaWMoro. Mas também AMO cuidar de quem eu amo. Eu também trabalho, também pago boletos, emprego e motivo, e também amo cuidar! Pobres das que tem acesso à informação mas optam pela ignorância e preconceitos típicos de quem ignora o que diz. De nada adianta ter poder e dinheiro para pagar boletos e não buscar aprender o conceito básico daquilo que se predispõe a falar (achava que era um mal apenas do marido, mas pelo visto é de família). Você vai fazer muito bem ao seu marido se entender melhor o que é feminismo. Da próxima vez, ao tentar expor sua felicidade, sugiro que não tente atacar milhões de mulheres que lutam por um mundo mais igual, inclusive para você. Bom final de semana! Beijo caloroso (de muito amor) do Rio. (O GLOBO, 2019)

Com base nos comentários das duas mulheres percebe-se que a unidade léxica central da discussão é feminismo (dita por Antônia) e feminista (dita por Rosângela). No discurso de Rosângela Moro, a expressão “Sorry feministas” é tratada de modo antagônico ao fato de amar cuidar de alguém. Quando a advogada utiliza a conjunção “mas” entre as orações, esse sentido é evidente. É possível pressupor que o discurso apresenta um imaginário de que feministas não são pessoas que também querem cuidar, fazer trabalhos domésticos, se casar, etc.

Já no segundo discurso, que foi exposto por Antônia Pellegrino, assim como no primeiro discurso, é abordada a questão do amar cuidar de quem se ama. E, ainda, acrescenta uma crítica ao fato de se ter acesso à informação, contudo há quem escolhe optar em permanecer na ignorância e preconceito, que não basta ter uma vida economicamente farta e ativa se não buscar compreender sobre aquilo que se propõe a falar. Nesse sentido, um dos pontos importantes nesse discurso é o seguinte: “não buscar aprender o conceito básico”.

Observa-se que nesse ponto se pode pressupor que existe a necessidade de se ter conhecimento a respeito dos conceitos atribuídos aos vocábulos, isto é, saber o que realmente significa a unidade lexical que se

propõemencionar. Outra frase escrita por Antônia Pellegrino que é relevante destacar diz: “Você vai fazer muito bem ao seu marido se entender melhor o que é feminismo”. Com base no exposto, compreende-se que verificar o que diz o dicionário nesse contexto é importante para esse processo de não “ignorar o que diz”, de “buscar aprender” e de “entender melhor” o feminismo.

A seguir apresentam-se os significados para ‘feminismo’ e ‘feminista’ em Ferreira (1986, 1999, 2009).

Quadro 1: Significado do verbete feminismo no Dicionário Aurélio.

Versão de 1986	Versão de 1999	Versão de 2009
1. Movimento daqueles que preconizam a ampliação legal dos direitos civis e políticos da mulher, ou a equiparação dos seus direitos aos do homem.	1. Movimento daqueles que preconizam a ampliação legal dos direitos civis e políticos da mulher, ou a equiparação dos seus direitos aos do homem. 2. Presença congênita ou adquirida de caracteres sexuais secundários femininos em homem.	1. Movimento daqueles que preconizam a ampliação legal dos direitos civis e políticos da mulher, ou a equiparação dos seus direitos aos do homem. 2. Presença congênita ou adquirida de caracteres sexuais secundários femininos em homem.

Fonte: Dicionário Aurélio

Quadro 2: Significado do verbete feminista no Dicionário Aurélio.

Versão de 1986	Versão de 1999	Versão de 2009
1. Relativo ao, ou próprio do feminismo. 2. Que é partidário do feminismo. 3. Partidário do feminismo.	1. Relativo ao, ou próprio do feminismo. 2. Que é partidário ou militante do feminismo. 3. Partidário ou militante dele.	1. Relativo ao, ou próprio do feminismo. 2. Que é partidário ou militante do feminismo. 3. Partidário ou militante dele.

Fonte: Dicionário Aurélio

Percebe-se que as edições do dicionário Aurélio de 1999 e 2009 mantêm os mesmos significados para ambos os léxicos que em relação à edição de 1986 há o acréscimo de significado médico para a palavra ‘feminismo’ e do termo militante para somar ao significado de ‘feminista’. Pode-se observar que o discurso da advogada Rosângela Moro é refutado pelos discursos expostos nos verbetes, já que o sujeito feminista trabalha para que haja igualdade de direitos civis e políticos para as mulheres, sem haver hierarquia de gênero. Ou seja, para que a mesma pudesse ter e continue tendo o direito de trabalhar, pagar boletos, gerar empregos, motivar e ainda sim ter o poder de escolha para amar e cuidar do seu marido

e de quem quer que seja, pessoas partidárias ou militantes do feminismo tiveram que lutar por esses direitos.

Já em relação ao discurso de Antônia Pellegrino, quando ela diz: “Da próxima vez, ao tentar expor sua felicidade, sugiro que não tente atacar **milhões de mulheres** que **lutam** por um mundo **mais igual**, inclusive para você”, compreende-se que o discurso da mesma corrobora com o significado dado pelo dicionário. Pois, quando se entende que, segundo o dicionário, feminista é quem milita, é quem toma partido de algo relativo ao feminismo que, por sua vez, é o movimento de pessoas que lutam por igualdade de direitos civis e políticos da mulher, então quando Antônia destacou que “milhões de mulheres lutam”, está se referindo às feministas, e quando ela escreve “por um mundo mais igual”, ela está se tratando do feminismo.

Como foi apresentado no início deste trabalho, Biderman expõe que o dicionário é um instrumento cultural e sabe-se que ele pode ser objeto de várias análises com diversas possibilidades de discussões. E que nesse momento, observa-se que os discursos em circulação sobre o ‘feminismo’ e o ‘feminista’ concretizados no dicionário Aurélio de 1986, 1999 e 2009, ora corroboram e ora refutam os discursos de hoje. Mas, para ter maiores certezas em relação aos equívocos e inadequações contidos nos dicionários é necessário não se pautar apenas em discursos cotidianos, pois há divergência de opiniões como, por exemplo, de Rosângela e Antônia, e isso não pode ser o único parâmetro para se gerar conclusões sobre o assunto. Verificar o que os estudiosos dizem a respeito do significado de ‘feminismo’ e ‘feminista’ é bastante relevante.

Nesse ponto, a filósofa política e feminista Djâmila Ribeiro aborda em suas produções acadêmicas o feminismo negro no Brasil, apropriando-se da internet como meio de veiculação dos ideais feministas. A pesquisadora possui duas obras publicadas e inúmeras participações em congressos, entrevistas, debates, etc. Uma de suas obras intitulada “Quem tem medo do feminismo negro?”, publicada em 2018 pela editora Companhia das Letras, composta por relatos autobiográficos e pelo compilado de artigos publicados no blog da revista Carta Capital, trata sobre o feminismo no Brasil.

Nessa obra a autora explica que “de uma forma geral, pode-se dizer que o objetivo do feminismo é uma sociedade sem hierarquia de gênero: o gênero não sendo utilizado para conceder privilégios ou legitimar opressão” (RIBEIRO, 2018, p. 44). Nesse sentido, a pesquisadora apre-

senta um ideal de sociedade igualitária, onde exista igualdade econômica, política e social entre homens e mulheres. Olhando atentamente nota-se que esse sentido dado pela pesquisadora corrobora com o significado dado ao termo feminismo no dicionário Aurélio, no aspecto de promover a igualdade de direitos. No entanto, podemos notar um silenciamento no discurso do dicionário quanto à opressão.

Segundo a autora, as mulheres sofrem inúmeras opressões, sendo elas de gênero, racismo, lesbofobia, transmisoginia, etc. E que esses assuntos não devem ser tratados como secundários, pois há pessoas sendo mortas todos os dias por conta dessas opressões. Djamilia Ribeiro (2018) mostra que há pessoas que se propõe a tratar do feminismo sem conhecer minimamente sobre o assunto discutido, assim, ela os denomina como “especialistas em opinião” e a ação deles age sobre o outro como forma de opressão, como mostra a seguir:

Existe no Brasil uma categoria quase profissional chamada “especialista em opinião”. Sua função consiste em dar opinião sobre os mais variados temas, mesmo que ele não tenha a mínima ideia do que esteja falando. Para fazer uma crítica pertinente a algo, seria necessário conhecer bem seu objeto de crítica, certo? Aponto para o fato de que ninguém tem obrigação de saber de nada, mas, quando alguém se propõe a falar sobre um assunto, deveria saber minimamente a seu respeito. Ou ter a humildade de reconhecer que precisa aprender, não há problema algum nisso; estamos em constante aprendizado, que bom. Porém, o especialista em opinião não se importa, o que ele deseja é mostrar uma postura pseudorrevoltada e impositiva. (RIBEIRO, 2018, p. 33)

Isto é, no mundo de acesso rápido e fácil as informações, no mundo onde as pessoas são rodeadas por formadores de opinião, nunca se houve tanta falta de embasamento teórico. Pessoas querem discutir o que não sabem e nem buscam conhecer. Tais “especialistas” tem a função de propagar a desinformação que, conforme a autora, além de não conhecer minimamente do que falam, ainda negam as pesquisas que revelam o índice de violência contra mulheres no Brasil. E, quando a tentativa de imposição de opiniões desses “especialistas” não vigora, partem para a agressividade e opressão, como mostra a pesquisadora:

Pesquisas e estudos são feitos para mostrar o mapa da violência no Brasil, mas a pessoa diz que não é bem assim porque ela simplesmente acha que não. Ou porque ela não vê. Ela nem sequer cogita a possibilidade de ser míope. E, quando, ainda pacientemente, argumentamos, mostramos os dados, o especialista em opinião parte para a grosseria. Somos chamadas de feminazis, coitadistas, vitimistas. E isso simplesmente por falar sobre fatos sociais. (RIBEIRO, 2018, p. 33-4)

Como foi possível notar na notícia exposta anteriormente, quando a advogada diz “sorry feministas” como forma de desdémio à militância, sem ao menos se preocupar com o peso social que esse termo carrega, propaga ideologia preconceituosa e opressiva. Portanto, uma das formas que se pode compreender o feminismo é como algo que vai contribuir para a não legitimação da opressão sofrida pelas mulheres. Este é claramente um dos modos de entender o feminismo na sociedade, que poderia estar contribuindo para a formação de sentido do léxico e que o dicionário Aurélio, nas três versões analisadas, silencia.

A pesquisadora, escritora e feminista Chimamanda Ngozi Adichie é uma nigeriana que exerce grande influência como uma jovem autora anglófona, que atrai uma nova geração de leitores de literatura africana. A autora possui alguns livros e contos publicados, assim como palestras em universidades e festivais. Dentre suas obras, uma delas chama-se “sejam todos feministas”, publicada pela companhia das Letras em 2014, esse livro foi formado a partir de uma palestra sobre o feminismo, realizada em 2012 no TEDxEuston.

Assim como a Djamila Ribeiro (2018), Chimamanda dedica-se às questões feministas. A pesquisadora trata que apesar de existir os direitos humanos para garantir os direitos básicos de todas as pessoas, o feminismo traz especificidades que os direitos humanos não abrangem. E que não se deve negar a questão de gênero, pois por um longo tempo na história da civilização um grupo foi excluído e oprimido pelo outro. A autora nos mostra essa realidade no seguinte trecho:

O feminismo faz, obviamente, parte dos direitos humanos de uma forma geral — mas escolher uma expressão vaga como “direitos humanos” é negar a especificidade e particularidade do problema de gênero. Seria uma maneira de fingir que as mulheres não foram excluídas ao longo dos séculos. Seria negar que a questão de gênero tem como alvo as mulheres. Que o problema não é ser humano, mas especificamente um ser humano do sexo feminino. Por séculos, os seres humanos eram divididos em dois grupos, um dos quais excluía e oprimia o outro. É no mínimo justo que a solução para esse problema esteja no reconhecimento desse fato. (ADICHIE, 2014, p. 15-16)

Chimamanda (2014), no fragmento anterior, volta com a questão da opressão sofrida pelas mulheres. Evidenciando, mais uma vez, uma possibilidade de leitura que poderia estar inclusa na definição do verbete feminismo. Em relação à unidade léxica ‘feminista’, a autora aborda que visões preconcebidas que se alimentam da falta de conhecimento sobre o assunto, tem limitado e moldado a forma de pensamento das pessoas,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

quando diz: “Tenho a impressão de que a palavra ‘feminista’, como a própria ideia de feminismo, também é limitada por estereótipos” (ADICHIE, 2014, p. 1). A pesquisadora ainda relata um acontecimento, onde o estereótipo criado sobre o ser feminista provoca uma confusão no sentido de distanciar a palavra do seu real significado.

Não lembro exatamente o teor da conversa. Mas eu estava no meio de uma argumentação quando Okoloma olhou para mim e disse: “Sabe de uma coisa? Você é feminista!” Não era um elogio. Percebi pelo tom da voz dele – era como se dissesse: “Você apoia o terrorismo!”. Não sabia o que a palavra “feminista” significava. E não queria que Okoloma soubesse que eu não sabia. Então disfarcei e continuei argumentando. A primeira coisa que faria ao chegar em casa seria procurar a palavra no dicionário. (ADICHIE, 2014, p. 2)

Quando a autora relata sua conversa com o amigo, fica evidente no discurso dele que houve um distanciamento do significado original da palavra ‘feminista’, ocasionado pelo estereótipo construído. Outro ponto a ser observado na narrativa é que ao ser confrontada pelo amigo, Chimamanda recorreu ao dicionário, isso mostra que o uso desse material exerce influência em uma sociedade, portanto, segundo a Lexicografia Discursiva, o dicionário possui discursos e ao consultá-lo não se deve deixar levar pela falsa ideia de neutralidade, uma vez que são carregados de ideologia. Nesse ponto, compreende-se que não cabe um olhar ingênuo, pois são conceitos passíveis de dúvidas, já que sempre podem ser outro, podendo conter contradições entre diferentes posições de leitura.

Ao analisar os discursos publicado na reportagem, como também os discursos relatados pelas autoras, nota-se que as confusões e os estereótipos criados em relação a unidade léxica ‘feminismo’ e ‘feminista’ se dá porque as pessoas estão tomando como base o significado de ‘machismo’ para explicar o ‘feminismo’, como se um fosse o contrário do outro. E, para compreender melhor esse fenômeno, foram pesquisados também os significados dos verbetes ‘machista’ e ‘machismo’. A seguir apresenta-se os textos dos verbetes assim como constam nas edições dos dicionários:

Quadro 3: Significado do verbe machismo no Dicionário Aurélio.

Versão de 1986	Versão de 1999	Versão de 2009
1. Qualidade, ação ou modos de macho; macheza.	1. Atitude ou comportamento de quem não aceita a igualdade de direitos para o homem e a mulher, sendo contrário, pois, ao feminismo. 2. Qualidade, ação ou modos de	1. Atitude ou comportamento de quem não aceita a igualdade de direitos para o homem e a mulher, sendo contrário, pois, ao feminismo. 2. Qualidade, ação ou modos

	macho; macheza, machidão.	de macho; macheza, machidão.
--	---------------------------	------------------------------

Fonte: Dicionário Aurélio

Quadro 4: Significado do verbete machista no Dicionário Aurélio.

	Versão de 1999	Versão de 2009
O verbete machista não consta na versão de 1986	1. Relativo ao, ou que é adepto do machismo. 2. Próprio de machista. 3. Pessoa machista.	1. Relativo ao, ou que é adepto do machismo. 2. Próprio de machista. 3. Pessoa machista.

Fonte: Dicionário Aurélio

Nesse aspecto, nota-se que os relatos dados, tanto por Chimamanda (2014), quanto por Djamila Ribeiro (2018) revelam uma espécie de confusão da parte de alguns e que se exemplifica no discurso da advogada Rosangela Moro quanto ao real significado de ‘feminismo’ e ‘feminista’. Há uma confusão de significados, onde equivocadamente se entende por feminismo algo que é o contrário de machismo. E observando o que diz o dicionário Aurélio sobre a unidade léxica ‘machismo’ e ‘machista’, pode-se notar que o dicionário, nesse contexto, concretizou em seu texto uma visão equivocada, que tem contribuído para a perpetuação de erros em suas edições.

4. Considerações finais

Este estudo apresentou a análise de uma notícia, cujo foco esteve em torno dos discursos de duas mulheres em relação ao que se entende por ‘feminismo’ e ‘feminista’, segundo as pesquisadoras Djamila Ribeiro (2018) e Chimamanda Ngozi Adichie (2014). Nesse sentido, foi possível notar confusão de significados em relação aos termos, as autoras também expuseram situações vivenciadas por elas, onde puderam notar que o significado de feminismo é rodeado por estereótipos e más interpretações.

Ao comparar o discurso de Rosangela Moro e Antônia Pellegrino ao que diz o dicionário Aurélio, percebe-se que o significado do verbete ‘feminismo’ e ‘feminista’ refutou a fala de Rosangela e corroborou com a de Antônia. Contudo, foi necessário compreender se o dicionário estava de alguma forma contribuindo para a perpetuação de equívocos.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Nesse contexto, fundamentado nos estudos lexicográficos Biderman (1984, p. 28) entende-se que “a entrada tem como seu eixo básico a definição da palavra em epígrafe. Essa definição nada mais é que uma perífrase metalingüística da palavra posta como entrada”. Isto é, a entrada de um verbete menciona outra para a complementação de significados. Notou-se, então, que as confusões de significados em relação ao verbete ‘feminismo’ só puderam ser explicadas ao verificar o que dizia o dicionário sobre o verbete ‘machismo’.

Como se pode observar, é nos enunciados lexicográficos das entradas ‘machista’ e ‘machismo’ que se encontra um discurso que vai ao encontro do que as autoras mencionadas discutem. Está reverberado no dicionário a posição ideológica que entende o machismo como “ao contrário de feminismo”. Posição equivocada, como já explicado por Adichie (2014, p. 15-16), que acaba colaborando para gerar uma divisão entre os seres humanos, colocando as mulheres em uma posição de inferioridade em relação aos homens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Trad. de Christina Baum. Companhia das Letras, p. 1-20, 2014.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O dicionário padrão da Língua. In: *ALFA: Revista de Linguística*. São Paulo, p. 27-43, 1984.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. *Novo Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Coordenação: Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

Mulher de Moro faz jantar para o marido e posta: 'Sorry feministas'. O Globo. São Paulo, 25 de ago. de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/mulher-de-moro-faz-jantar-para-marido-posta-sorry-feministas-23902810>. Acesso em: 30 de ago. de 2019.

NUNES, José Horta. O dicionário infantil e a criança: Análise discursiva. In: Barros, Lidia Almeida; Isquerdo, Aparecida Negri (Org.). *O léxico em foco: Múltiplos olhares*. São Paulo: Cultura acadêmica, p. 323-330,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

2010.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Lexicografia Discursiva. In: *ALFA: Revista de Linguística*. São Paulo, V. 44, p. 97-114, 2000.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 120p.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. *Metodologia da Pesquisa*. 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009. 136p.